

ANOS DE OURO







DO CARNAVAL DE ITAÚNA

ANOS DE OURO DO CARNAVAL DE ITAÚNA

Idealização:

Hélcio Augusto Ferreira Silva (Poita) Toninho Freitas (Caramba) Pepe Chaves

Autores:

Maria Lúcia Mendes Eleonora Diniz Marco Antônio Prado Sérgio Souza Pepe Chaves

Produção e diagramação:



Índice:

Apresentação04
Flashes de memoráveis carnavais09
Itaúna fantasiou sua criatividade - Texto de Pepe Chaves14
Ressurreição dos velhos carnavais – Texto de Sérgio Souza27
Somando esforços para criar – Texto de Eleonora Diniz35
Uma parceria de quase uma vida – Texto de Marco Prado42
Farrapos da Lagoinha – Texto de Maria Lúcia Mendes48
Álbum fotográfico:
Flashes da história – Império dos Castores53
Flashes da história – Os Pães62
Flashes da história – Clube dos Zulus81
Homenagem especial – Unidos da Ponte105

Apresentação:

Produzir um livro abordando os melhores anos dos carnavais de Itaúna foi uma missão árdua e cheia de responsabilidade. Carnaval esse formado por muitos esforços em todas as agremiações, unindo pessoas, aglutinando ideias e objetivando ação; muita ação. Para compor este trabalho procuramos reunir imagens e fatos de um passado já distante, onde o itaunense desfilava em sua passarela do samba em plena Praça da Matriz.

Procuramos trazer à tona um pouco daquelas épocas lúdicas e brilhantes, convocando um time de cronistas com vasto conhecimento de causa: os professores Maria Lúcia Mendes e Sérgio Souza, os carnavalescos Marco Antônio Prado e Eleonora Diniz, e este editor, que também vivenciou em sua infância e adolescência a magia dos nossos melhores carnavais. Os registros em textos e imagens trazem algumas passagens "imortais" do momo local, apresentando suas figuras e agremiações típicas, além de toda a criatividade que o itaunense pôde levar à passarela. Destaque às três grandes escolas de samba: Império dos Castores, Os Pães e Clube dos Zulus; prestando também justa homenagem à escola de samba Unidos da Ponte, um dos embriões do carnaval de rua em Itaúna.

É necessário destacar que este trabalho somente foi concebido graças ao afinco de uma verdadeira equipe de colaboradores onde, cada qual ao seu modo, somou positivamente para que pudéssemos concluir o presente registro, especialmente, nestes últimos três meses. Nossos agradecimentos a Antônio Freitas (Caramba), Cleide Diniz, Daniela Diniz Gontijo, Éder Diniz Coutinho, Eleonora Diniz, Hélcio Augusto Ferreira (Poita), Josiane Diniz, Luíza Rodrigues Lopes, Marco Antônio Prado, Marcos Lacél, Rosa Pércope, Sílvia Diniz, Sílvio Diniz Souza, Teodoro Oliveira e Walmir Gontijo.

Igualmente colaboraram e agradecemos aos seguintes fotógrafos e acervos que registraram e guardam as imagens que compõem

esse livro: Afonso Henrique da Silva Lima, Antônio Gomes, Antônio Freitas (Caramba), Arquivo Via Fanzine, Integrantes do grupo Fotos de Itaúna (Facebook), Museu Municipal de Itaúna e Museu Virtual de Itaúna e Prefeitura Municipal de Itaúna.

Desta maneira, juntando toda uma rede que refaz os "anos de ouro" do carnaval de Itaúna, trouxemos nestas páginas histórias de sonhos, sambas, sons e, mais que isso, uma espécie de desfile digital, apresentando algumas das melhores imagens já registradas de nossas escolas de samba na passarela. Além disso, também selecionamos imagens raras e jamais tornadas públicas anteriormente, como as tomadas dentro do barração dos Zulus, dos Farrapos da Lagoinha ou arquivos pessoais de colaboradores.

Procuramos cristalizar aqui, momentos que passaram, mas jamais passarão na memória coletiva, propiciando assim às novas gerações, conhecer um pouco da inventividade itaunense em matéria de carnaval de rua. Atualmente esta festa popular que sempre encantou a nossa comunidade está completamente desarticulada, mas, esperamos que um dia as peças certas se juntem novamente, levando o luxo, a beleza plástica, a música e a inspiração novamente aos olhos do público.

Como editor, agradeço a cada um dos envolvidos neste registro digital, pois, graças à colaboração de todos, este livro poderá estar ao alcance de qualquer cidadão que desejar acessá-lo, não só a partir de Itaúna, mas de qualquer local do planeta.

Viva, o Império dos Castores; Viva, Os Pães; Viva, o Clube dos Zulus; Viva, os Unidos da Ponte; Viva, o eterno carnaval de Itaúna! Agora, todos juntos e eternizados aqui.

Pepe Chaves – produtor/editor São Tomé das Letras-MG 1º/06/2021













Flashes de memoráveis carnavais...



Terezinha, Rainha do Carnaval da União Operária, entre amigos num baile de salão.



Os foliões do carnaval de salão em Itaúna, Deolina e Geraldo Bianco.



Carnaval de Salão: Lígia Monteiro, Vanda Tavares, Maria José Drumond, Myriam Santiago, Vânia Campos, Lúcia Campos, Déia Corradi, Ivone Tavares, Solange Santos e Tânia Dornas.



Carnaval de Salão: As Pastorinhas, na década de 1960.



Rainha e Princesas do carnaval, no clube União Operária, em 1950.



Rei Momo e Rainha do carnaval itaunense, ladeados por Vagner Belarmino (Lero-Lero) e Afonsinho.



O Trio Elétrico Allfaces na Praça da Estação.



Foliões do Allfaces na passarela da Matriz.



Marcelo de Faria Matos (Mineirinho) e Dona Didi participando dos carnavais de Itaúna na década de 1970.



A Banda Esplendor e Glória foi comandada pelo saudoso "general" Tadeu Nolasco em tantos carnavais.

Itaúna fantasiou sua criatividade

Por Pepe Chaves*



O público assistia aos desfiles das escolas de samba nas arquibancadas montadas pela Prefeitura na Praça da Matriz.

Há décadas, o carnaval de Itaúna se tornou uma festa popular, tecida pelo mais puro encanto da comunidade. Desde os bailes de salão no Clube União Operária, no Automóvel Clube, na Flor do Momo, no Grêmio de Santanense e tantos outros locais públicos da cidade ao longo de décadas, especialmente, as três últimas do século XX, o folião itaunense se extravasou com o seu carnaval, ao melhor estilo, com muita personalidade.

Junto com o fino carnaval de rua apresentado pelas escolas de samba locais, vieram também os seus irreverentes blocos, como os Farrapos da Lagoinha, fundado pelo saudoso ex-vereador e comerciante Valtinho da Lagoinha.

Figuras marcantes também foram os blocos individuais, que também desfilavam na passarela: o Bloco do Eu Sozinho, de Newton Regal, e o Miss Itaúna, do conhecido sapateiro Almir, ambos eram considerados um show à parte do nosso carnaval.



Newton Regal (Bloco do Eu Sozinho) e Almir Sapateiro (Miss Itaúna), figuras icônicas dos carnavais de Itaúna.

E assim, tantos outros blocos travaram acirradas disputas pelo título do carnaval itaunense nessa categoria. Dos blocos de rua se destacavam os Unidos da Ponte, Os Cuecões, Araruta, Allfaces, Sai da Reta, Brexó, Xavaca, Pomba-Rola, Hospital, Babaloo, Os Biscoitinhos, Os Terríveis, Mamão, Demorô, Zuluzinhos e Pau de Gaiola, são alguns que consegui me lembrar.

Na passarela, alguns blocos caprichavam na produção de suas fantasias e alegorias, já outros, não faziam questão nenhuma de apresentar algum tipo de glamour, mas somente diversão, avacalhação, como partes integrantes da festa do Momo, já que não pretendiam conquistar o certame ali disputado. Mas, entre os

blocos que travavam a disputa havia certa rivalidade, pois cada um deles era representado pela comunidade de algum bairro ou de determinada região da cidade, e por isso, desejavam o título carnavalesco - exceto o Allfaces, que não concorria pois consistia em trazia um trio elétrico com som mecânico.



O bloco Allfaces desfilando na Praça da Matriz.

Mas no início dos anos de 1970 surgiria a maior inspiração dos itaunenses com o seu carnaval de rua: as suas escolas de samba. Surgiam assim, as três grandes escolas do nosso carnaval, o Clube dos Zulus, o Império dos Castores e Os Pães.

Nos moldes do carnaval carioca e sob esforços dos carnavalescos locais em parceria com a Prefeitura Municipal de Itaúna, a Praça da Matriz se transformava na passarela do samba. Ali eram montadas as arquibancadas de madeira, construídas por servidores da prefeitura, incluindo o local reservado onde os jurados assistiam aos desfiles e o local de recolhimento das baterias. Em barraquinhas no entorno da praça eram vendidos artigos de carnaval, máscaras, colares havaianos, confete e serpentina.



Destaques das escolas de samba, Zulus, Castores e Pães.

Além de pessoas capacitadas da cidade, muitos dos jurados das escolas de samba de Itaúna eram atores e diretores da Rede Globo, foram convidadas pessoas da imprensa de Belo Horizonte e outras cidades do país, todos devidamente gabaritados para julgar os desfiles das nossas escolas na avenida.

Por sua vez, as escolas de samba obedeciam ao padrão carioca, apresentando alas temáticas, baianas, alegorias no corpo e nas mãos, integrantes das baterias devidamente fantasiados, trazendo suas madrinhas e mestres, destaques, passistas e porta-bandeiras.

Cada escola tinha sua Comissão de Frente e os carros alegóricos traziam grandes figuras em 3D, sempre cintilantes e encantadas. Todas as esculturas apresentadas se encontravam dentro do enredo apresentado por cada escola de samba.

O carnaval mobilizava, principalmente, grande parte dos artistas plásticos e costureiras locais que, dias antes da grande festa, trabalhavam com afinco na confecção de fantasias e adereços, além dos carros alegóricos.



Os Pães

As três grandes escolas de samba que disputavam o troféu do carnaval itaunense na década de 1970 travaram saudáveis rivalidades, onde a criatividade e a inventividade prevaleciam em todas as agremiações.

Sob as cores vermelho e verde, Os Pães levavam para a avenida a paixão e a beleza em suas fantasias cintilantes. Símbolo maior da escola, o coração vermelho estava em diversas fantasias.

Por sua vez, o Império dos Castores levava o verde e rosa para a avenida, agitando seus foliões que em delírio, cantavam seu samba-enredo.

E por fim, o Clube dos Zulus, louvando o amarelo e preto nos corpos de seus destaques e em seus carros alegóricos. Naquela época, nosso carnaval era um espetáculo de muita inspiração e transpiração.

Durante parte dos anos de 1970, Zulus, Pães e Castores foram os três grandes nomes do carnaval local, deixando recordações e momentos únicos marcados nas vidas de seus participantes.



Império dos Castores

Quem não tinha dinheiro para pagar arquibancada e ver o desfile no meio da praça, se contentava em assisti-lo de pé, ao longo da rua Silva Jardim. Pais levavam filhos para assistirem aos desfiles. Brinquedos de carnaval eram vendidos na praça.



Zulus vêm aí: público assistindo na Silva Jardim.

As calçadas da Silva Jardim ficavam lotadas, onde muitos disputavam um lugar "ao sol" rente ao meio-fio para assistir de perto o luxo das escolas subindo pela rua principal, sob o batuque de cada samba-enredo e o entusiasmo uníssono de todos os integrantes. Privilegiados mesmo eram os moradores da Silva Jardim nesse trajeto do desfile, que assistiam ao espetáculo, bem à vontade, dos alpendres, das sacadas ou janelas de suas casas.



Os Pães

Na passarela, blocos e escolas de samba esbanjavam brilho, criatividade, gingado, muito samba nos pés e nas mãos, e até perfumes na passarela... Ali estavam as beldades itaunenses, com seus sensuais trajes carnavalescos, plumas, brocais, maquiagens e ânimo, muito ânimo e entusiasmo. O folião e a foliã traziam em si o espírito aceso à luz do carnaval, com lealdade à sua entidade recreativa, honrando sua bandeira, cantando seus enredos com inspirações vindas dos quatro cantos da Terra; e até mesmo de fora dela...

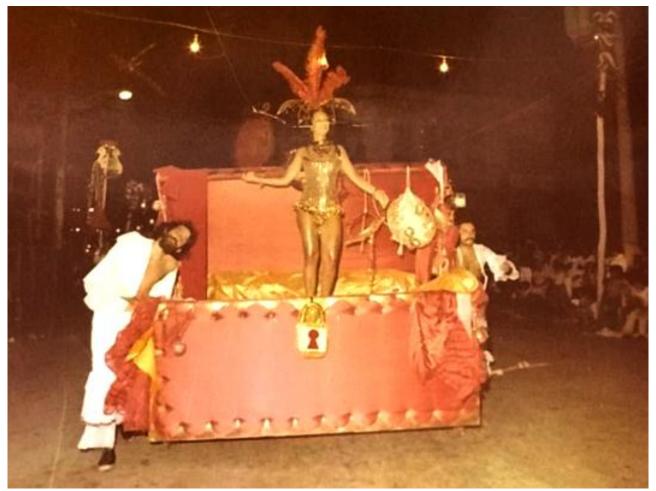


Império dos Castores

Assim, a genialidade itaunense levava à passarela luxuosas fantasias, apresentando pessoas plasticamente belas em destaques sobre os enfeitados carros alegóricos, mostrando que o itaunense sabe fazer carnaval. Ao adentrarem à via principal recebiam os aplausos, sob os delírios do público presente.

Os desfiles tinham início da Praça Luiz Ribeiro, local em que era feita a concentração das escolas e blocos em momentos antes de se apresentarem ao público. Iniciando em frente ao Grande Hotel Itaúna, o cortejo momesco subia pela rua Silva Jardim, atravessando a passarela principal, na praça, terminando próximo à rua Arthur Vilaça.

Durante a passagem pela passarela principal, as escolas de samba e blocos recebiam os aplausos do público que lotava as arquibancadas, sendo ovacionados com confetes e serpentinas. Ali, a bateria parava, enquanto toda a escola passava, até que a bateria voltasse a desfilar, encerrando assim, cada apresentação.



Os Pães

As escolas apresentavam sambas-enredo originais, compostos com exclusividade por músicos itaunenses, de acordo com a temática de cada escola.

Devemos lembrar que o bairro das Graças - conhecido também como Rua da Ponte - foi local em que, naturalmente, surgiram vários destaques do nosso carnaval. Bateristas, mestres e bateria, cantores, compositores, passistas e sambistas em geral saíram da Ponte para outros blocos e escolas da cidade.

Desde a década de 1970 até princípios da década de 2000 foram realizados magníficos desfiles pelas escolas itaunenses. Na passarela, desfilavam o Clube dos Zulus, o Império dos Castores e Os Pães, as três grandes escolas de samba da cidade. As fantasias esbanjavam luxo e brilho, sempre vestidas por pessoas alegres e dançarinas.



Bateria do Clube dos Zulus e sua madrinha.

Os gloriosos desfiles tinham abertura feita pelos blocos locais, também com fantasias e alegorias muito bem confeccionadas, sob as mais irreverentes temáticas. No final da década de 1990 surgia também as escolas de Samba Unidos Ponte e Império da Perdição, sendo extintas, Os Pães e Império dos Castores, quando os desfiles deixaram a Praça da Matriz e passaram a acontecer na avenida Jove Soares, na região central da cidade.



Império dos Castores

Este gracioso trabalho de registro carnavalesco que veio à luz graças ao esforço de alguns itaunenses que amam nossa festa momesca, reúne textos do professor escritor e música Sérgio de Souza, que aborda um pouco de sua participação no carnaval de Itaúna, do ponto de vista do jurado.



Adelino Quadros (Filho), passista dos Zulus, toca sua cuíca deitado, durante desfile dos Zulus.

Enriquecendo também este trabalho trouxemos uma crônica da escritora e professora Maria Lúcia Mendes, maior expressão feminina da literatura itaunense, abordando sobre o descontraído e ímpar Bloco do Farrapos.

Também contamos com a contribuição do artista plástico e carnavalesco Marco Antônio Vilela Prado, abordando como testemunha entre o público, mas também como um dos mais inspirados carnavalescos da nossa história. As imagens que compõem este trabalho são de autores e acervos diversos que

encontram listados no final deste trabalho, aos quais manifestamos nossos sinceros agradecimentos.



Império dos Castores

De modo geral, o itaunense gosta e se identifica com a festa momesca e por vezes, foram investidos consideráveis talento e dinheiro por parte dos carnavalescos, para promover a grande festa local, articulada sempre com o apoio de empresários e da prefeitura local.

E nossa proposta com este trabalho é fazê-lo chegar graciosamente às mãos de todos os amantes do carnaval de Itaúna. Graças ao esforço de alguns itaunenses, pudemos trazer à tona esta produção que visa registrar e difundir a nossa arte do carnaval de rua durante os mais inspirados tempos de nossa história.



Carro alegórico com um destaque de Os Pães.

O itaunense é um saudosista nato, sabe valorizar o passado e a história de sua comunidade. Assim, agradecemos a todos que se empenharam para que pudéssemos fazer este apanhado de informações e imagens que se traduz neste presente trabalho.

* Pepe Chaves é jornalista editor do diário digital <u>Via</u> <u>Fanzine</u>.

* * *

Ressurreição dos velhos carnavais

Sérgio Souza*



Bloco dos Farrapos: tradição do carnaval itaunense. Os malvestidos integrantes se reuniam na Praça da Lagoinha e subiam à Praça da Matriz para a "festa".

"Os clarins estão/ Relembrando os nossos/ Velhos carnavais/ Arlequins sensuais/ Amam colombinas/ De pompons grenás/ [...] Vem, vem, vem, Arlequim que a tua sina/ É adorar a Colombina/ Dos carnavais que não voltam mais." (Ressurreição dos velhos carnavais, de Lamartine Babo).

Os velhos carnavais sempre despertam alguma lembrança. E, dependendo do saudosista, esta recordação pode ser até intensa demais: a companheirada do tempo de solteiro; a alegria; um amor que surgiu em uma noite – com promessas de nunca mais terminar – e que acabou se confundindo com cinzas.



Os blocos carnavalescos também enriqueceram os carnavais de rua em Itaúna.

Para aqueles que já viveram alguns anos mais, os carnavais de outrora podem ainda evocar a mocidade que já se foi – e que hoje mora num cantinho nostálgico do coração.

Itaúna também marcou presença nessa festa momesca. Mudamse as estações; muda-se o prefeito... Ora mais verbas, ora mais contenções. E o resultado é uma festa mais luxuosa ou um tanto mais modesta.

Verba é tudo, na produção de um carnaval. Verba é nada, na produção de um carnaval. É claro que, com maior incentivo financeiro, maior glamour se pode esperar. Contudo, já se provou que com farrapos também se faz uma boa diversão. Eis que adentra a Praça da Matriz o Bloco dos Farrapos. Era o bloco mais aguardado, num tempo ainda mais remoto. Realmente divertidíssimo.

O momento é de brincar, de se divertir, de dizer não aos preconceitos, de mostrar que existimos enfim. Quanta gente,

esquecida durante o ano inteiro, ali aparece viva, criativa, talvez, até roubando a cena. Eis o espírito do carnaval.



O carnavalesco Newton Regal desfilando pelo seu Bloco do Eu Sozinho, fantasiado de Galo em 1970.

Em várias oportunidades, eu recebi o honroso convite para participar do corpo de jurados dos desfiles. Assistia de um lugar privilegiado; arriscado também - depois eu conto. Daí, várias histórias pra rememorar.

Um bloco, num determinado ano, veio cantando pela passarela o seu samba-enredo (e era o item que eu ia julgar). Atribuí-lhe metade dos pontos. Por quê? Na verdade, o que se fez foi praticamente uma paródia em cima da Saudosa Maloca, de Adoniran Barbosa. No quesito musical, faltou então originalidade. Contudo, a mensagem foi forte.

Estabeleceu-se uma analogia entre os despejados, aludidos naquele samba, com os "pobres do carnaval itaunense". Entendase: naquele ano, por imposições orçamentárias, restringiu-se a verba para essa folia. Daí a indignação.

Os nomes já demonstravam irreverência e criatividade: as escolas de samba, Zulus, Castores e Os Pães; e os blocos, AllFaces, Mamão, Demorô, Pomba-Rola, Xavaca, Os Terríveis, Brexó, Cuecões, Araruta, Unidos da Ponte, dentre outros.



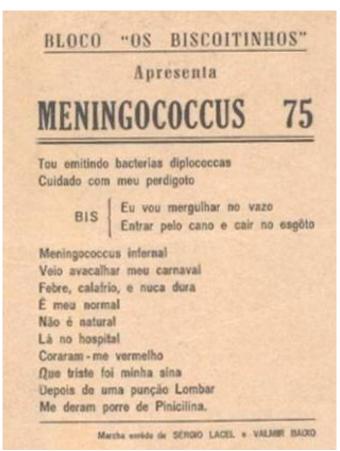
Panfleto com o samba-enredo do tradicional bloco Pomba-Rola, no carnaval de 1986.

Sambas-enredo notáveis! Compositores de alto nível! Seria injusto citar uns e não citar outros; da mesma forma, seria injusto não mencionar, pelo menos os compositores Raimundo Rabelo e Valmir Falcão, ambos, dos Zulus. Sambas belíssimos, que não ficariam atrás dos melhores apresentados nas passarelas do Rio de Janeiro. Destacando-se como grandes intérpretes eram Dunga, Dora (sua irmã, irmã também do folião João da Cuíca). Tinha também o Ângelo Ferreira e outros mais.



A brilhante cantora e puxadora de samba, Dunga.

Agora – me permitam: se o assunto é passista, com aquele gingado, que põe a gente até tonto, e que já nasceram com o samba no pé, que entrem os reis da passarela: Os Unidos da Ponte. Um show à parte – sem desprezar tantos outros bons dançarinos, de diversas agremiações.



Panfleto com samba-enredo do bloco Os Biscoitinhos, composto por Sérgio Lacél e Valmir Falcão, 1986.



O Trio Elétrico Allfaces na Praça da Estação.

Ainda há pouco eu comentava que assistia ao desfile de um lugar privilegiado – arriscado também – e que depois contaria. Chegou a hora de contar. Alguns compositores tinham esportividade: sabiam ganhar ou perder. Outros não.

Caso um jurado percorresse a Praça da Matriz, no dia seguinte ao final da festividade, deveria estar disposto a ser interceptado por algum concorrente da noite anterior, insatisfeito com o resultado, o qual partiria para os ataques. Os mais comuns: "o júri mostrou que não tem a mínima competência"; "o pessoal desse júri docêis num intende nada de música".



Compartimento que abrigava os jurados em 1981.

Mas pior foi numa ocasião, quando eu acabava de chegar à praça. Os resultados oficiais seriam anunciados nos próximos minutos. O anúncio sairia da entrada da prefeitura. Nisto, um funcionário de lá, logo que me viu, assinalou-me, mostrando querer falar comigo.

Esperei-o. Ele advertiu: "Amigo, se eu fosse você, ia embora pra casa, porque os componentes de um bloco afirmaram que, se perderem, vão pegar pra valer os jurados. E nós vamos anunciar agora os resultados, e eles perderam". Aceitei a sugestão. Eles queriam briga, eu não, eu quero é paz.



Carnaval de rua: a maior festa popular de Itaúna.

Enfim, carnaval, da mesma forma que futebol, é movido por paixões. Isto é o que explica possíveis atitudes beligerantes. Também, e principalmente, porque no carnaval ou no futebol as pessoas encontram a oportunidade ideal para se extravasarem. Assim: quem tem guerra dentro de si, ataca; quem tem fantasia, sonha; quem tem amor, ama.

* Sérgio Souza é músico, escritor e professor.

* * *

Somando esforços para criar maravilhas

Por Eleonora Diniz*



Barração do Clube dos Zulus, onde eram montados os carros alegóricos e as fantasias mais elaboradas.

Tenho memória olfativa e me lembro dos barracões dos Zulus, de onde saia o sonho e delírio dos carnavalescos. Me lembro do cheiro de cola. Das mesas improvisadas cheias de recortes para os carros e estandartes. Me lembro da D. Ilma, da D. Dirce, do Zé e do Sr. Wando. Da arquibancada lotada da praça da Matriz. Da Dunga com sua voz inesquecível. Não podia deixar de lembrar da Dona Helida Beghini e Dona Edmeia. Inseparáveis, chegavam no barracão à tarde e saiam à noite. Saudade delas.

Outra saudade, era a casa da Dona Didi do Mineirinho. O salão de festas da casa virava um minibarracão e todos eram atendidos com carinho por ela e pela incansável Cleide. Muitas vezes precisei de material de madrugada e elas estavam lá, sempre

prontas a ajudar. Fragmentos de uma época de um Carnaval dourado, no caso, dourado e preto.

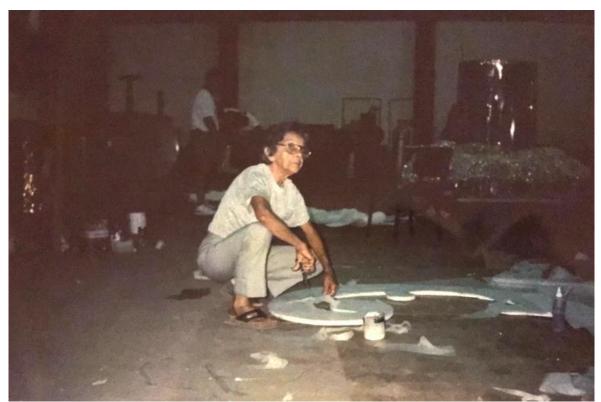


O jornalista Adolfo Osório, Rosa Pércope, Marco Antônio Prado, Dona Edmeia Beghine e Ana Beghine.

Saudades do maravilhoso Rogério e seu talento para fantasias, do Adelino Quadros (amigo e inesquecível mestre Sala), do Sr. Adelino Quadros (nosso *eterno* destaque de luxo), da alegria e também do compromisso e seriedade com que tudo era feito.

Mais tarde, o Carnaval se mudou para Jove Soares. Veio forte, mais bonito, mais profissional, muito competitivo, mas sempre muito responsável, com a mesma alegria e orgulho. O frio na barriga permaneceu.

A responsabilidade de se colocar uma escola de samba na avenida, acrescida de muitas coisas, como sair bonito, com garra, com criatividade, driblar a falta de recursos, usar material reciclável, inventar-se, reinventar, aproveitar material.



Dona Ilma, entusiasta do carnaval no barração dos Zulus.

São muitas lembranças de noites viradas nos galpões, sem tempo de comer. Teve dias que pessoas foram a Belo Horizonte três vezes para a compra de material. A amizade feita nesses tempos não acabou, permanece.



Gil e Beth: Mestre-sala e Porta-Bandeira dos Zulus.



Barração dos Zulus, local de inspiração e criatividade.

Nesse meio tempo perdemos muitos amigos queridos, que jamais serão esquecidos. O bumbo ainda bate por eles a cada encontro da turma que ainda revive a emoção vivida e nunca esquecida.

Dos últimos Carnavais itaunenses tenho na memória cada um desses anos de alegria e muito trabalho. Vi minha filha crescer saindo nos Zulus. Me vejo ainda vestida em cada um dos destaques, às vezes pesados e sempre muito elaborados pelo nosso querido Marco Antônio Prado.

Pela direção de carnavalescos inesquecíveis que passaram pelos Zulus. Tínhamos um Livro de Ouro, que recebia doações para ajudar na montagem dos Zulus. Um que contribuiu muitas vezes foi o meu saudoso tio Marcelo Parreiras Gonçalves.



Carnavalescos trabalhando no barração dos Zulus: Alécio, Fábio, Dirceu, Tondé e Toninho Caramba.

O Carnaval era feito de pequenas contribuições que se tornavam gigantescas na Avenida. A gente mesmo se perguntava: de onde saiu tudo isso? Hoje eu sei que era do amor, da amizade, da cooperação e da vontade de cada um que deixaram um pouco ou muito do seu tempo como contribuição aos Zulus.

Deixo aqui meus agradecimentos a todos que trabalharam nos barracões, bateria, baianas, passistas, destaques, mestres-salas e porta-bandeira, rainhas de baterias (nossa querida Marina Dornas, por muitos anos, nossa eterna Musa), chefes de ala, pessoal da comissão de organização, mestres de bateria, pessoal que trabalhava na montagem de arranjos (saudoso Fernando Chaves), assessoria de imprensa (Maria Eugênia Vargas), comissão de frente nota dez (Fabiana Batista), carros alegóricos, costureiras, sapateiros, bordadeiras, mecânicos, pessoal que empurrava os carros alegóricos (sim, não tinha motor!), os

diretores queridos e todos os inesquecíveis presidentes dos Zulus que passaram e ali deixaram sua marca de trabalho, seriedade e muita alegria.



Os dirigentes dos Zulus, Fábio Dimas Brás de Matos (Fadibrama) e Antônio Freitas (Toninho Caramba) comemorando a vitória dos Zulus com seus familiares.



Marina Dornas, madrinha da bateria do Clube dos Zulus.

Foram anos inesquecíveis. Só quem viveu pode ter essa saudade boa e quase doída desses Carnavais. Sem esquecer de agradecer à torcida de todos que compareceram aos desfiles e nos aplaudiram. O show tem sempre que continuar.



Maria José de Freitas e Dona Adília, desfilando nos Zulus.

E também agradecer a Deus por nos ter dado esse presente na vida, começando com a minha homenagem aos fundadores do Clube dos Zulus. Sem eles nada disso teria sido possível. Minha homenagem ao meu tio José Eustáquio Diniz (Paquinha)que foi um dos fundadores dos Zulus e que me ensinou a amar o Carnaval. Amo demais todo mundo!

* Eleonora Diniz foi destaque, colaboradora e membro da Comissão de Frente do Clube dos Zulus. Participava de todos os eventos da escola, sendo uma das centenas de "formiguinhas" que trabalhavam para os Zulus.

Uma parceria de quase uma vida toda

Por Marco Antônio Prado*



O carnavalesco dos Zulus, Marco Antônio Prado desfilando pela escola ainda em sua infância.

Minha primeira participação na Escola de Samba Clube dos Zulus aconteceu na minha infância, quando participei do meu primeiro desfile na Tribo Zulu, tradicional ala infantil.

Pouco depois, já pré-adolescente, sem sequer imaginar que um dia seria o carnavalesco da escola, iniciei meus primeiros trabalhos colaborando voluntariamente, na produção de alegorias e adereços de mão, que o carnavalesco Rogério Duarte criava com todo o esmero e bom gosto, e eram itens obrigatórios nos desfiles do Zulu. Todos os componentes levavam um adereço de mão, o que enriquecia de forma impactante os desfiles. Naquela época, eu era estudante no Colégio Sant'Ana de manhã, e no

finalzinho da tarde íamos, o saudoso amigo Ramon Moreira, e eu íamos ajudar nos trabalhos.



Eleonora Diniz e Antônio Freitas (Caramba), dirigentes e destaques do Clube dos Zulus.

A equipe de alegorias e adereços era composta pelos dedicados e talentosos Sr. Irdevan Nogueira, Dr. Ivan Perillo e sua irmã Ilma Perillo, Dona Dirce Melo e pela atual advogada Dra. Maria José de Freitas.

O atelier, ou barracão como é normalmente chamado os locais de produções de carnaval; naquele ano funcionou em um antigo e belo casarão na rua Silva Jardim, pouco abaixo do Grande Hotel; esse casarão pertenceu à Dona Ciníca e seu marido, e já foi demolido há alguns anos.

O barração era um lugar de muito movimento e alegria. Gente chegando a todo momento, elogiando e se surpreendendo com

toda aquela mistura de materiais que se transformavam em verdadeiras obras de arte.

Peneiras, flores, gaiolas, fitas, sombrinhas, bengalas, estandartes, lampiões, e toda uma infinidade de objetos que ilustravam e ajudariam a contar uma linda história na avenida. A nossa tarefa - minha e do Ramon - era simples, mas não menos importante.

Tarefas como passar cola, cobrir objetos, como bolas de isopor com brocal ou glitter dourado ou prateado; enrolar fitas metálicas nos bastões; fazer franjas de ráfia; colar lantejoulas; cortar arabescos de papéis laminados para adornar estandartes e várias coisas que, para mim, foram um grande e rico aprendizado.



Estilista Rogério Duarte, saudoso carnavalesco dos Zulus.

A então presidente e autora do enredo daquele ano: "Folganças e Crenças de Um Povo"; Maria José Quadros, chegava sempre acompanhada do carnavalesco Rogério Duarte, muito atento a todos os detalhes, comentava sobre os trabalhos, elogiava, fazia

modificações e algumas correções. Tudo tinha que ser impecável. E era. Os desfiles eram lindos, repletos de brilho e alegria.



Irdevan e Dona Edmeia Beghini no barração dos Zulus.

Anos depois, em 1994, no ano seguinte à lamentável morte do carnavalesco Rogério Duarte, por indicação da Maria José Quadros, tive a honra de ser convidado pelo então presidente da escola Tondé Quadros, para criar os figurinos e adereços do Clube dos Zulus. Foi um trabalho relâmpago. Uma escola de samba feita em 20 dias, com o enredo "Eu Passeio", de autoria do saudoso artista plástico e jornalista Ibsen Carneiro.



Ibsen Carneiro, jornalista e colaborador dos Zulus.

No ano seguinte, sob direção do então presidente, o arquiteto Fábio Dimas Brás de Matos, assumi como carnavalesco do Clube dos Zulus, ilustrando o belo e instigante enredo de autoria do próprio Fábio Matos: "Chega de Saudade – Bossa Sempre Nova"; o primeiro de vários que ainda estavam por vir.

Fábio Matos e Antônio Altivo de Freitas, o grande Toninho Caramba, Roberson Alves Faustino, o Bolão e Atílio Prado (Tilinho) foram grandes presidentes com quem tive o prazer de trabalhar, assim como todos os demais componentes, seja das diretorias, compositores, musicistas, integrantes da escola, profissionais envolvidos, costureiras, ajudantes dos barracões... Uma convivência de muitos anos. Motivo de muitas alegrias, muito trabalho e muitas amizades que se estendem por todos esses anos.



Troféus maiores ao fundo: Campeã Carnaval 1999; Campeã Carnaval 1998; Campeã Carnaval 1992. Placas: Marco Antônio Prado (Melhor Carnavalesco/96); Flavinho (Melhor bateria/97); Marco Antônio Prado (Melhor Carnavalesco/97), conquistados pelo Clube dos Zulus. No ano de 2019, com Tilinho Prado como mentor e gestor, houve um resgate dos Zulus ao carnaval e rua de Itaúna, se apresentando na forma de bloco.



O Bloco dos Zuluzinhos, que veio a ser uma bem-sucedida iniciativa de junção entre escola de samba (com temática, comissão de frente, bateria, mestre-sala e porta-bandeira, destaques), com inúmeros integrantes com abadás customizados, numa linguagem moderna e mais acessível. Contando com maciça adesão da velha guarda e de antigos foliões dos Zulus, além de uma significativa adesão de jovens foliões.

* Marco Antônio Prado é estilista e artista plástico. Foi carnavalesco para o Clube dos Zulus e colaborador da escola por vários anos.

* * *

Farrapos da Lagoinha

Por Maria Lúcia Mendes*



Integrantes do bloco dos Farrapos da Lagoinha, formado por homens travestidos de maneira bizarra.

O bloco dos Farrapos vai passando. À frente, vestido de Zorro, abrindo alas com um chicote, vêm o comandante. Logo atrás, surge o Rei Momo montando um cavalo magro e trazendo nas mãos um cetro de cabo de vassoura.

É o Mampu com sua simpatia e graça, primeiro e único Rei Momo dos Farrapos. Vem chegando imponente, fumando um cachimbo de lata. O cachimbo é alimentado com estopa embebida em óleo, o que faz produzir uma fumaça espessa e malcheirosa.



Foliões em festa comemoram o carnaval nos Farrapos.

Conduzindo o cavalo de sua majestade, um pajem maltrapilho anuncia a passagem do rei com fogos luminosos. A seguir, provocando risos e mais risos, surge um casal de noivos. É o noivo boboca e a noiva sapeca. Ele cabisbaixo e desajeitado num terno feito de saco de aniagem, gravata vermelha e um penico na cabeça servindo de chapéu. Ela, ao contrário, esbanja-se em requebros, agitando o véu e a grinalda.

Seguindo o casal de noivos, num desfile de roupas e sapato fora de moda, vem a turma vestida de mulher. Uns remexem os seios postiços num andar desengonçado, outros imitam mulheres grávidas carregando imensa barriga de travesseiros. A banda de música que acompanha o bloco capricha nas notas. E os farrapos fazem coro entoando a velha marchinha: "Oh, jardineira por que estás tão triste? Mas o que foi que te aconteceu? Foi a Camélia que caiu do galho, deu dois suspiros e depois morreu...".

Nesse instante, o noivo perde a compostura e estende os braços chamando a parceira que dança um pouco à frente: "Vem,

jardineira, vem, meu amor... Não fiques triste que este mundo é todo teu...". A noiva sacode o buquê de flores roxas e vem rodopiando as cabelas finas frente ao companheiro.



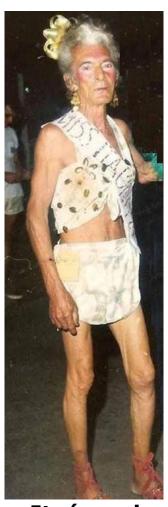
José Eustáquio (Paquinha) e Alnio Corradi nos Farrapos.

A bandinha continua tocando. Em meio aos músicos há foliões cobertos de molambos, exibindo sanfonas desafinadas, cavaquinhos quebrados, violões sem corda e caixas cedidas pelas guardas da festa do Reinado.

A praça está repleta. O povo se comprime. Todos querem ver de perto a avalanche de figuras pitorescas que desfila. É Dom Quixote de la Mancha e seu fiel escudeiro. É Carmem Miranda que passa dengosa exibindo-se num festival de balangandãs e requebros. É gente vestida de palhaço dando saltos mortais e cambalhotas para a alegria da criançada.

Passa um crioulo forte mostrando passos de capoeira num incrível marabalismo, enquanto um homem alto fantasiado de Marta Rocha acena para a multidão que o aplaude. Bem no meio do bloco, um mascate turco, com duas malas abarrotadas de bagulhos, apregoa às risadas: "Mercadoria de primeira, é barato, é barato"...

Satirizando o prefeito, muitos carregam enxadas velhas, chaves para consertar torneiras e cartazes criticando os buracos existentes nas ruas. Pães enormes surgem pendurados em tabuletas, cujos dizeres reclamam os preços dos mesmos. Homens conduzindo miniaturas de posters lâmpadas queimadas criticam o serviço de energia elétrica.



Almir Sapateiro, o Miss Itaúna, desfilando nos Farrapos.

Entre comentários, o povo delira:

- Olha lá, comadre! Olhe o Amigo da Onça!

- Olhe aquele ali, vestido de gorila!
- Olhe o Jânio Quadros dançando com a vassoura. Era só o que faltava...
- Ali no meio tem até Doutor.
- Não é possível, comadre.
- Impossível é Deus pecar. Tem gente grã-fina aí, sim, escondida nessas máscaras.

É bem verdade. São operários, médicos, donas de casa, comerciantes, professores, enfim, todas as classes sociais unidas na mais esfarrapada das confraternizações...

O desfile continua. Bombas de Detefon cheias d'água servem de lança-perfume, enquanto uma chuva de folhas de barbatimão cai sobre a cabeça do povo. É o confete dos Farrapos. O Dario Barbeiro vem mais atrás, dançando com a sua Pimpinela Escarlate. A boneca presa aos sapatos dele e os dois quase da mesma altura saracoteiam num ritmo quente. Depois, a Rosa Concórdia e Ladomila preta, o Anésio da Estação num vestido "tomara-que-caia"...

- "Vem jardineira, vem meu amor... Não fiques triste que este mundo é todo teu".
- * Maria Lúcia Mendes é escritora e professora universitária.

* * *

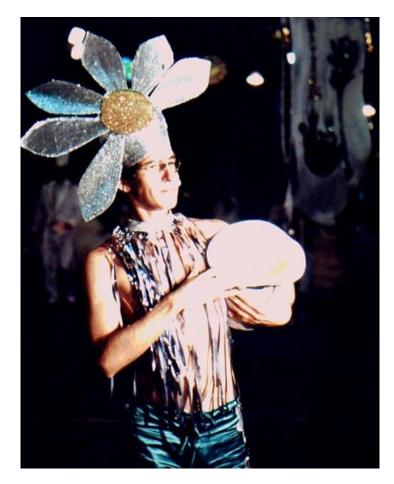
FLASHES DA HISTÓRIA: IMPÉRIO DOS CASTORES







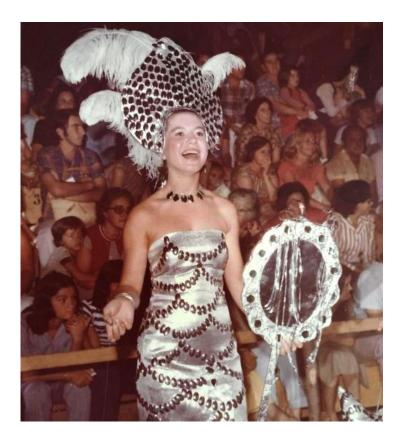










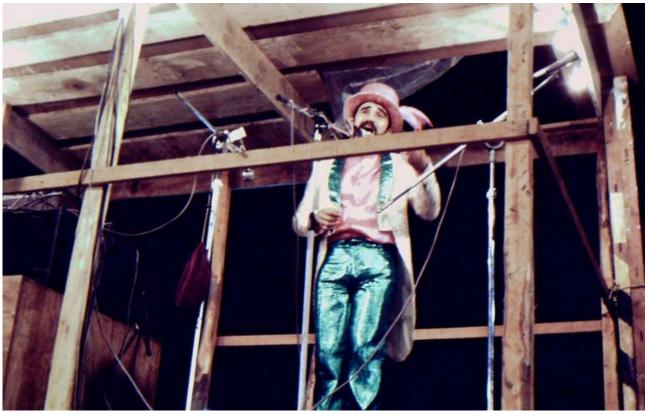




















FLASHES DA HISTÓRIA: OS PÃES

























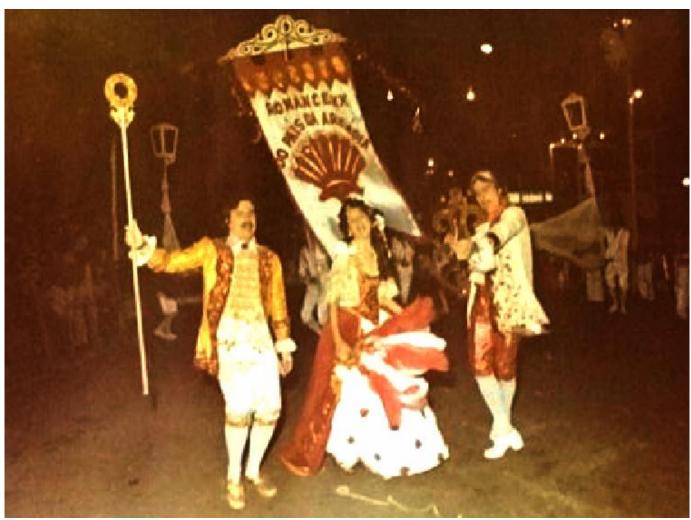








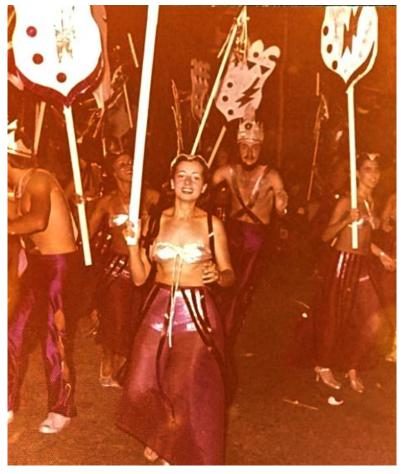












































FLASHES DA HISTÓRIA: CLUBE DOS ZULUS



















































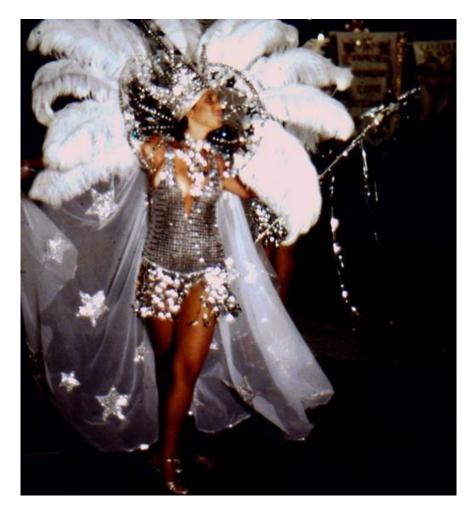










































Homenagem póstuma:



Luiz Amaro Santos (Lu Cabeleireiro)

HOMENAGEM ESPECIAL: UNIDOS DA PONTE

















Homenagens póstumas:



João da Cuíca



Heli Caroço

Organização e edição:

Pepe Chaves

Revisão:

Sérgio Souza Eleonora Diniz

Colaboradores:

Antônio Freitas (Caramba)

Cleide Diniz

Daniela Diniz Gontijo

Éder Diniz Coutinho

Eleonora Diniz

Hélcio Augusto Ferreira (Poita)

Josiane Diniz

Luíza Rodrigues Lopes

Marco Antônio Prado

Marcos Lacél

Rosa Pércope

Sílvia Diniz

Sílvio Diniz Souza

Teodoro Oliveira

Walmir Gontijo

Fotografias:

Afonso Henrique da Silva Lima

Antônio Gomes

Antônio Freitas (Caramba)

Arquivo Via Fanzine

Integrantes do grupo Fotos de Itaúna (Facebook)

Museu Municipal de Itaúna

Museu Virtual de Itaúna

Prefeitura Municipal de Itaúna

- Este trabalho é dedicado à memória de todos os carnavalescos itaunenses que não se encontram mais entre nós.

ANOS DE OURO DO CARNAVAL DE ITAÚNA

Idealização:

Hélcio Augusto Ferreira Silva (Poita) Toninho Freitas (Caramba) Pepe Chaves

Autores:

Maria Lúcia Mendes Eleonora Diniz Marco Antônio Prado Sérgio Souza Pepe Chaves

Produção e diagramação:



APOIO CULTURAL:



www.viafanzine.jor.br